

# Trajetórias migrantes e redes de sociabilidade translocais a partir de uma aldeia fronteiriça transmontana

João Baía

**Resumo** As trajetórias migratórias iniciadas na década de 19(60), estudadas a partir do lugar de partida, permitiram comparar diferentes dinâmicas das migrações internacionais e das migrações internas no âmbito da investigação realizada para o doutoramento em Antropologia no âmbito do Programa Doutoral em Migrações da Universidade de Lisboa. A partir do estudo das diferentes fases das trajetórias migratórias procurou-se refletir sobre a variação das sociabilidades e das identificações, bem como, sobre o alargamento do raio de interação social.

**Palavras-chave:** trajetórias migrantes, redes translocais, raio de interação social, migrações internas e internacionais, Trás-os-Montes, fronteira.

**Abstract** The migratory trajectories that began in the 19(60)'s, studied from the place of departure, allowed us to compare different dynamics of international migrations and internal migrations within the scope of the research carried out for the PhD in Anthropology within the scope of the Doctoral Program in Migration of the University of Lisbon. From the study of the different phases of migratory trajectories, we sought to reflect on the variation of sociabilities and identifications, as well as on the widening of the radius of social interaction.

**Keywords:** migrant trajectories, translocal networks, social interaction radius, internal and international migrations, Trás-os-Montes, borderland.

## Introdução

Com esta investigação realizada durante o doutoramento em Antropologia no âmbito do Programa Doutoral em Migrações da Universidade de Lisboa, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, que incidiu sobre as transformações produzidas pelas migrações portuguesas das décadas de sessenta e setenta do século XX na aldeia de Montesinho, procurou-se

contribuir para o estudo das migrações internas e internacionais a partir de um lugar de partida.<sup>1</sup>

Através da análise das memórias e dos percursos biográficos dos emigrantes e não emigrantes desta aldeia raiana do concelho de Bragança procurou-se compreender o corte com a sociedade de partida, as ruturas e as continuidades nas trajetórias migratórias, mas também o impacto do retorno definitivo ou sazonal e da remigração.

No período deste trabalho, em que as circunstâncias remeteram de novo para a emigração tantos jovens portugueses, — sobretudo entre 2011 e 2016, em que o saldo migratório foi negativo e se ultrapassaram as 100 000 saídas anuais, chegando a 120 000 saídas no ano de 2013 (Pires, et al., 2020), números próximos das saídas de finais da década de 1960 e início de 1970 — procurei entender como os emigrantes da grande vaga anterior percecionam, recordam e transmitem as várias fases do seu projeto migratório, através da análise dos seus percursos biográficos. Paula Godinho considera que certos tipos de memórias podem conservar-se no silêncio ou ser ativadas “com o propiciar de condições” (Godinho, 2004: 100). Procurou-se perceber se esta vaga mais recente poderia ter ajudado a desbloquear memórias difíceis, sobretudo sobre as primeiras fases do processo migratório em que passavam mais dificuldades ao nível do trabalho e da habitação.

No quadro da investigação em Portugal, um conjunto de estudos sobre temas diferentes, e fundados em premissas teóricas distintas, dialogaram, tanto com a noção de lugar, como com o sistema de relações entre pessoas e lugares, no âmbito da antropologia (Bastos, 1993; Godinho, 2006; Leal, 1994, 2017; Silvano, 2006; Sobral, 1999; Mapril, 2012) e da sociologia (Monteiro, 1985; Wall, 1998; Machado, 2002; Costa, 2008; Portugal, 1999).

A importância das redes estabelecidas pelos migrantes ao longo da trajetória migratória foi problematizada a nível nacional, supranacional ou translocal. As redes sociais permitem reduzir os custos e os riscos para quem decide emigrar. Os pioneiros correm mais riscos e têm a vida mais dificultada, porque têm que começar a construir laços do zero, num outro país, com outra língua, outras leis. Os emigrantes que chegavam posteriormente beneficiavam dessas barreiras já ultrapassadas pelos pioneiros, que já poderiam dar informações sobre a melhor forma de arranjar trabalho, habitação e ajudar a resolver outros problemas. A seguir aos pioneiros poderia iniciar-se uma emigração em cadeia de um lugar para outro, de uma aldeia portuguesa para um bairro no subúrbio de Paris, ou de Hamburgo. O acesso à informação desempenha um papel chave na decisão de partir e na escolha do lugar para onde se escolhe emigrar e a informação que circula nas redes de sociabilidade

---

1 O autor agradece os pertinentes e generosos comentários do Professor Jorge Malheiros que contribuíram para melhorar a primeira versão deste texto.

permite ter algum grau de previsibilidade, tornando-a determinante aquando da decisão de migrar ou permanecer.

A partir desta investigação irá questionar-se também as múltiplas identificações dos migrantes, a sua variação e importância ao longo do processo migratório, bem como a noção translocalismo para compreender melhor as relações sociais entre migrantes e não migrantes, migrantes internos e internacionais e a sua ligação com o lugar de partida.

### **Memórias, redes migratórias e lugar**

O lugar assumiu nesta investigação uma forte centralidade. As redes translocais que ligaram a aldeia de Montesinho a outros lugares, deram origem a ruturas ou continuidades ao longo do tempo, introduzindo mudanças estruturais na organização social da aldeia de Montesinho, o que permitiu perceber a importância da mobilidade, dos fluxos e das redes de sociabilidade nas mudanças realizadas no campo político, social, simbólico e económico.

Num ensaio sobre a forma como a antropologia espanhola foi sendo influenciada por diversas correntes da antropologia internacional ao longo do tempo, Susana Narotzky defende que no estudo sobre comunidades, muitas vezes apresentadas como lugares isolados sem ligações ao exterior, “la especificidade de lugar se entienda como un proceso de relaciones sociales cambiantes, ineludiblemente histórico y conectado con procesos más generales (...)” (Narotzky, 2001: 100). O “sentido global do lugar” proposto pela geógrafa Doreen Massey parece ser o mais indicado para uma maior compreensão do lugar, dos fluxos e das redes que o interligam a outros lugares, modificando de forma contínua esse mesmo lugar (Massey, 2012: 128).

As redes sociais baseadas nos laços familiares e de conterraneidade ajudam os emigrantes recém-chegados a arranjar dormida, trabalho e na resolução de processos burocráticos. Segundo Stephen Castles, “tornam o processo migratório mais seguro e facilitado para os migrantes e para as suas famílias (...). Certas pessoas (migrantes e não migrantes) tornam-se facilitadoras das migrações, emergindo assim uma “indústria das migrações”, constituída por organizações de recrutamento, advogados, agentes, passadores e outros intermediários (Castles, 2005: 24-25).

Um migrante pode pertencer a diferentes grupos, fazendo parte de diferentes redes sociais, estabelecendo laços cruzados entre elementos do país, região, zona de fronteira, aldeia de origem e país de acolhimento, mas também entre elementos de um grupo religioso, de um clube desportivo, ou de um grupo político, complexificando ainda mais a meso-escala da análise proposta. Todas estas questões sugerem uma leitura crítica da noção de transnacionalismo.

## Transnacionalismo versus translocalismo

O conceito de transnacionalismo tem sido bastante usado para interpretar processos migratórios. Neste trabalho, interrogou-se este conceito e a sua relação com outros conceitos mobilizados para estudar migrações, nomeadamente o bilocalismo e o translocalismo, que se têm revelado formas alternativas ou complementares para compreender melhor as redes, os fluxos e as práticas que decorrem a partir das migrações internas e internacionais e dos laços e atividades transfronteiriças.

Nos anos noventa uma vasta produção científica mobilizou novos conceitos para olhar a mesma realidade através de outras perspetivas. O conceito de transnacionalismo, desenvolvido por Nina Glick Schiller, Cristina Blanc-Szanton e Linda Basch, visava incluir na sua definição as práticas e os processos transnacionais desenvolvidas entre o país de partida e de chegada pelos “transmigrantes” que estabelecem ligações entre duas ou mais sociedades ao mesmo tempo (Basch, Glick Schiller e Blanc-Szanton, 1992: 2).

Desde o surgimento e amplo desenvolvimento teórico e empírico em torno do conceito de transnacionalismo, diferentes perspetivas — como as que exploram as ideias de glocalização (Roudometof, 2014), e de *grounded transnationalism* (Brickell e Datta, 2011) — procuram realizar uma análise *bottom-up* para conferir mais importância ao lugar e às relações entre os diferentes lugares, permitindo, a partir do estudo desses lugares, compreender dinâmicas locais, regionais, nacionais e globais. Os autores da obra *Translocal Geographies: Spaces, Places and Connections* inserem o translocalismo na reflexão que tem sido feita em torno do transnacionalismo: “(...) space where de-territorialized networks of transnational social relations take shape through migrant agencies. This means that translocality as a form of local-local relations exists primarily within the debates on transnationalism” (Brickell e Datta, 2011: 3).

Ao não se fechar a análise nas práticas transnacionais, pode-se comparar migrações internas e externas, como fez David Fitzgerald, no seu estudo sobre associações regionais mexicanas, em cidades mexicanas, e nos Estados Unidos, no qual conclui que não há grandes diferenças entre as dinâmicas que se criam entre região ou aldeia de origem e a cidade para onde se deslocam (Fitzgerald, 2010: 9). Para o caso português, o estudo do associativismo transmontano da autoria de Daniel Melo (2006) é importante para comparar as migrações internas e internacionais e o envolvimento com o lugar ou região de onde partiram.

Nos estudos das trajetórias migratórias é visível como estas podem passar por diferentes lugares no mesmo país, ou por diferentes países, evidenciando-se uma ligação entre as dimensões interna e internacional das migrações. Um emigrante português, por exemplo, poderia emigrar de uma aldeia transmontana para Lisboa, depois para os arredores de Paris, daí

poderia partir para outra cidade francesa e retornar para Portugal e, finalmente, em vez de se fixar na sua aldeia de origem, poderia escolher instalar-se na cidade mais próxima da aldeia de onde partiu, ou em Lisboa, ou no Porto. A mobilidade, o poder de quem se move, o capital social e as redes sociais a que se pertence permitem questionar a hierarquia de importância das diferentes escalas. Por vezes, o lugar, a região, a freguesia, o bairro, desempenham um papel mais importante nas trajetórias migratórias do que o papel que desempenha a pertença a um determinado Estado-nação. O translocalismo não se refere apenas às migrações transnacionais, refere-se também aos diferentes tipos de mobilidade e fluxos que incluem as migrações internas e internacionais, às redes sociais estabelecidas entre aldeias, cidades, periferias e regiões, entre o rural e o urbano, conectando também diferentes países e continentes.

Ao dar maior destaque às conexões entre diferentes lugares, a noção de translocalismo permite relacionar lugares próximos ou longínquos. As relações transfronteiriças podem caber nesta noção, assim como as relações, fluxos e laços transnacionais; o translocalismo, porém, ao não se vincular ao conceito de nação, permite dar conta de relações entre pessoas que se situam de um lado e outro da fronteira, que porventura, poderão estabelecer laços mais fortes do que com a capital do Estado-nação; permite, ainda, o exame cuidadoso dos movimentos pendulares diários ou semanais que marcam o quotidiano de várias pessoas, bem como possibilita estabelecer a relação entre o rural e o urbano.

Nesta investigação, tal como Fitzgerald (2010), também encontrei semelhanças entre as relações que os migrantes internos e internacionais estabelecem com o lugar de partida. Por isso, o estudo da relação e das práticas entre lugares de um ou mais países que o translocalismo propõe e possibilita pode ser mais abrangente do que o transnacionalismo, que se debruça sobre processos, práticas e relações estabelecidas entre diferentes países.

Russel King, Ronald Skeldon e Julia Vullnetari, num estudo de caso sobre migrações internas e internacionais albanesas, sublinham a escassez de investigações que cruzem os dois tipos de mobilidades, de forma a analisar as diferenças e similitudes das trajetórias migratórias e a relação entre elas, uma vez que a fronteira entre estes dois tipos de mobilidades não é estanque (King, Skeldon e Vullnetari, 2008). O translocalismo permite estudar relações e práticas regulares estabelecidas entre lugares levadas a cabo pelos migrantes internos e internacionais; já o transnacionalismo, com toda a produção empírica e teórica sobre diferentes contextos, dá prioridade às relações entre diferentes países e às práticas dos migrantes internacionais.

Se faltam mais estudos sobre migrações internas em Portugal, a falta de estudos que relacionem as migrações internas e internacionais ainda é mais notória. Estudar as mobilidades a partir do lugar de partida permite comparar as trajetórias dos migrantes internos e internacionais e o tipo de ligação mantida com o lugar de partida.

## Trajetórias migratórias e múltiplas cadeias migratórias

No início da pesquisa questionava se teria havido uma emigração em cadeia da aldeia de Montesinho para Pavillons-sous-Bois, situado na periferia de Paris, a norte de Montreuil, porque um morador desta aldeia tinha lá fundado a associação Casa de Trás-os-Montes. Porém, ao longo do trabalho de campo, percebi que a realidade era mais complexa e que houve diferentes cadeias migratórias para múltiplas direções, sendo as de maior relevo: Glinde, perto de Hamburgo, na Alemanha; Paris e Pavillons-sous-Bois; Montluçon, perto de Clermont-Ferrand, que se situa no centro de França; Mieres e Madrid, em Espanha; e para dentro de Portugal, Lisboa, Estoril, Matosinhos e Bragança.

Se inicialmente se previa fazer trabalho de campo na aldeia de Montesinho e Pavillons-sous-Bois, a dispersão das cadeias migratórias obrigou a tomar uma decisão, ou me focava no lugar de partida e trabalhava com quem mantinha ligação à aldeia, ou fazia uma etnografia multisituada em todos os lugares que fazem parte deste complexo raio de interação social. O receio de alguma perda de densidade de informação que se fosse recolher com uma etnografia tão multisituada, o tempo que demoraria nas viagens e o custo das deslocações e estadias foram fatores que contribuíram para essa decisão de focar no lugar de partida com ligação a tantos lugares de diferentes países.

A realização de trabalho de campo nos verões de 2015, 2016 e 2017 e no inverno de 2017 num lugar fronteiriço transmontano, a aldeia de Montesinho, localizada no norte do concelho e do distrito de Bragança, na fronteira com a província de Zamora, permitiu entender alguns dos efeitos e das causas das mobilidades e das imobilidades e conhecer as práticas dos migrantes no presente e num tempo longo. Foi este o espaço selecionado para questionar a construção do lugar nos contextos migratórios.

A freguesia de França dista 16 quilómetros de Bragança, sede de concelho e de distrito, e inclui mais duas aldeias para além da aldeia com o mesmo nome: Portelo e Montesinho.

Apesar de o trabalho de campo ter sido realizado durante um período específico e a situação presente da aldeia condicionar a forma como os entrevistados percecionam o passado e o futuro, procurei, através das memórias de quem ficou e de quem saiu da aldeia, reconstituir as trajetórias migratórias e as trajetórias não migratórias. Para isso, realizei 32 entrevistas semiestruturadas com uma forte componente biográfica. Esta técnica da metodologia adotada situou-se entre a história de vida e a entrevista semiestruturada, procurando que todas as questões relevantes fossem colocadas.

As narrativas de vida permitem perceber:

(...) the context (familial, local, national, international) in which decisions are made and actions are taken, and perhaps most importantly how these are affected by social locations (Brettell, 2003: 43).

Optou-se neste trabalho pela não anonimização dos participantes no estudo (obteve-se consentimento gravado de todos os entrevistados), como forma de reconhecimento, valorização e inscrição destas “memórias periféricas” (Baía, 2020), dedicado às relações transfronteiriças.

O processo de construção da amostra foi ao encontro de uma amostragem teórica (Glaser e Strauss, 1967: 45-77) e em bola de neve, procurando representar os vários grupos que se foram considerando mais relevantes para uma maior compreensão do objeto ao longo do processo de investigação. Os entrevistados dos grupos etários sobre-representados têm a sua trajetória biográfica marcada pela forte emigração do ciclo migratório das décadas de 1960 e 1970, que se pretendia focar mais neste estudo, constituindo uma amostragem que tem em conta os processos e as temporalidades que se pretendem analisar (Hergesell, Baur e Braunisch, 2020). Se, no início, procurei entrevistar pessoas que emigraram para França, decidi numa fase posterior alargar a amostra a pessoas que emigraram para outros países e, também, que realizaram migrações internas (Glaser e Strauss, 1967: 45-77).

Das entrevistas realizadas, vinte e sete ocorreram na aldeia de Montesiño, quatro em duas aldeias do outro lado da fronteira (Calabor e La Tejera), e uma na aldeia vizinha de Portelo para poder compreender melhor as redes fronteiriças e perceber se houve interseção entre as redes translocais transfronteiriças e migratórias. Os entrevistados que emigraram, saíram do país nas décadas de sessenta e setenta do século XX. Entrevistei catorze pessoas do sexo feminino e dezoito do sexo masculino. Apesar das idades das pessoas que participaram nesta pesquisa estarem compreendidas entre os 50 e os 95 anos, os grupos etários mais representados na amostra são os que se situam entre os 60 e os 69 anos de idade, contando com nove participantes, e entre os 70 e os 79 anos de idade, com catorze participantes. Quanto à escolaridade, a maioria terminou o primeiro ciclo do ensino básico.

Os que efetuaram migrações internas e que mantêm contacto com a aldeia, na sua maioria ingressaram em diferentes forças policiais: Guarda Fiscal, Guarda Nacional Republicana, ou Polícia de Segurança Pública. Os homens que efetuaram migrações internacionais trabalharam sobretudo como operários fabris, no sector da construção civil, em França, no porto de Hamburgo, na Alemanha e nas minas das Astúrias, em Espanha. As mulheres que efetuaram migrações internacionais trabalharam em serviços de limpeza de casas particulares, de escritórios, edifícios públicos, prestaram cuidados domiciliários a pessoas idosas e trabalharam em fábricas. Entre as mulheres entrevistadas que emigraram para França, a maior parte teve experiência migratória anterior em Madrid, onde trabalharam no serviço doméstico e na restauração. Entrevistei pessoas que não emigraram e pessoas que saíram da aldeia para outro país ou para outra zona de Portugal e mantêm alguma ligação com o lugar de partida regressando de forma sazonal, pontual ou definitivamente.

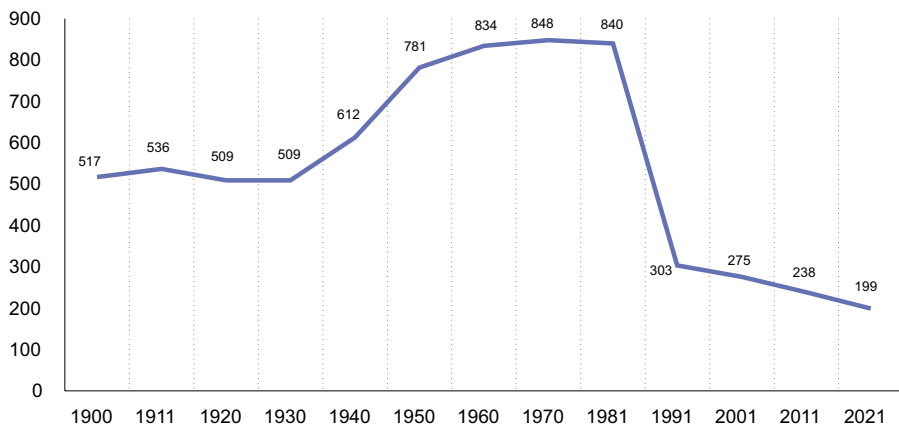
A análise documental em arquivos locais e pessoais (fotografias, documentos de trabalho, lista de pedidos de passaporte indeferidos, documentação solicitada para poder obter passaporte e poder sair do país, passaportes dos que tinham poder de mobilidade, processos judiciais de emigração irregular) serviu para uma maior compreensão do objeto de estudo. Essa consulta de documentos realizada em arquivos de espólios pessoais de entrevistados, no Arquivo Municipal de Bragança e no Arquivo Distrital de Bragança permitiu identificar melhor o período, o tipo e a dimensão dos fluxos migratórios cruzando com a informação recolhida nas entrevistas.

### **Migrações internacionais e internas**

A aldeia de Montesinho tem a particularidade de ter tido, antes do ciclo de emigração intraeuropeu da década de 1960, um fluxo migratório de entrada protagonizado por pessoas que vinham trabalhar para os serviços florestais, para a plantação de pinheiros, para a cantaria na serra de Montesinho e para as Minas de estanho de Portelo. Os que vieram de fora e que mais tarde também partiram para a emigração eram chamados “malteses”. Não tinham gado, propriedades ou casa, tendo que viver em casas alugadas, partes de casas, palheiros, ou entre as pedras na serra. Esta imigração para a aldeia podia ser sazonal no caso dos segadores, dos cantoneiros, dos carvoeiros, dos trabalhadores no batatal da serra de Montesinho; seria mais pontual no caso dos vendedores ambulantes, dos tendeiros, dos alfaiates, dos ferreiros; e teria um carácter mais ou menos permanente nos casos dos mineiros e dos trabalhadores ocupados na plantação de pinheiros no projeto de arborização dos baldios da Serra de Montesinho, implementado pelos Serviços Florestais.

As saídas da emigração das três aldeias iniciadas na década de 1960, que continuavam um fluxo de saída que já tinha tido alguma expressão durante o ciclo migratório transatlântico, foram compensadas com a vinda de trabalhadores de fora para trabalhar na mina entre 1958 e 1993 (Cerveira, 1965: 109 e Lopes, 2020). Registou-se depois uma queda abrupta ao nível população da freguesia, relacionada tanto com a gradual desativação da mina durante a década de 1980 e o seu fecho em 1993, provocando a saída desses trabalhadores e dos naturais das aldeias que lá trabalhavam, como com a contínua emigração, que, entre a década de 1980 e 1990, registou um aumento exponencial. A vinda de pessoas de fora para trabalhar na mina, e com menor expressão para a extração de granito na Serra de Montesinho, na plantação de pinheiros, e na produção de batata, apenas adiou a tendência de decréscimo populacional.

Se analisarmos a variação populacional ao nível da freguesia (figura 4.1) podemos observar uma subida constante após a década de 1930, uma relativa estabilização entre as décadas de 1960 e 1980, uma queda abrupta entre a década de 1980 e 1990, e uma suavização desta descida populacional entre 1990 e 2021.



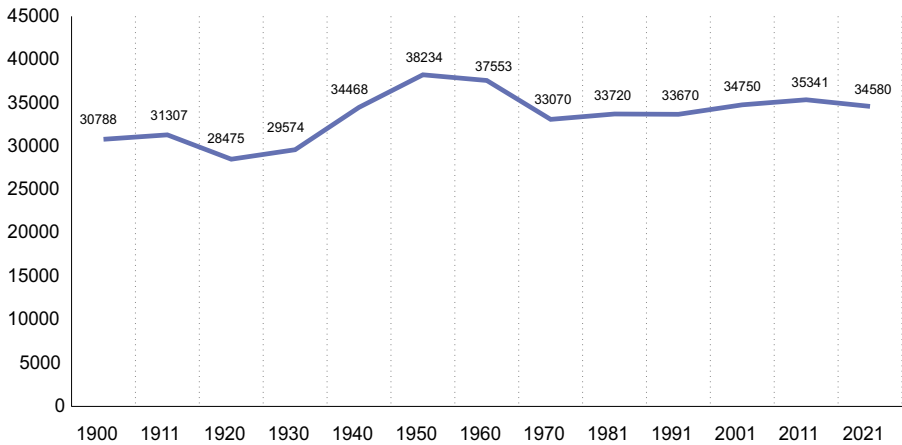
**Figura 4.1** Variação da População da Freguesia de França entre 1900 e 2021

Fonte e autoria: Elaboração própria a partir de dados recolhidos no site do INE (censos).

Se alargarmos a escala de análise ao nível do Concelho de Bragança, observamos que esta tendência não acontece. Nem a queda populacional é tão tardia, nem tão abrupta, seguindo-se a essa ligeira descida um aumento até à década de 2010. A descida relacionada com as migrações internas e internacionais em direção aos centros urbanos do ciclo das migrações intraeuropeias não ultrapassou o decréscimo populacional provocado pela pneumónica entre 1911 e 1920, ao contrário do que aconteceu ao nível da freguesia.

A partir da década de 1960, ao nível do lugar, apesar de as aldeias de França e de Montesinho também terem servido de morada para alguns dos trabalhadores das minas de Portelo, a variação populacional de um lugar, “Minas de Portelo”, criado pela Sociedade Mineira de França, L.da para albergar os trabalhadores da mina e que foi reconhecida como lugar pelo INE entre 1971 e 1991, permite perceber que o impacto que a mina teve no crescimento e na perda populacional ao nível da freguesia se deve às variações populacionais registadas nesse lugar e na aldeia de Portelo que também deverá ter albergado vários dos seus trabalhadores devido à maior proximidade, verificando-se também uma quebra populacional acentuada entre o mesmo período (figuras 4.1 e 4.2).

A figura 4.3 mostra como a variação populacional da Aldeia de Montesinho estava menos correlacionada com a atividade das minas. A aldeia de Montesinho entre 1960 e 1980 registou uma descida de população acentuada, ocorrendo desde essa data uma suavização dessa descida, tendo até atingido em 2011 números superiores aos registados em cada uma das duas décadas



**Figura 4.2** Variação da População do Concelho de Bragança entre 1900 e 2021

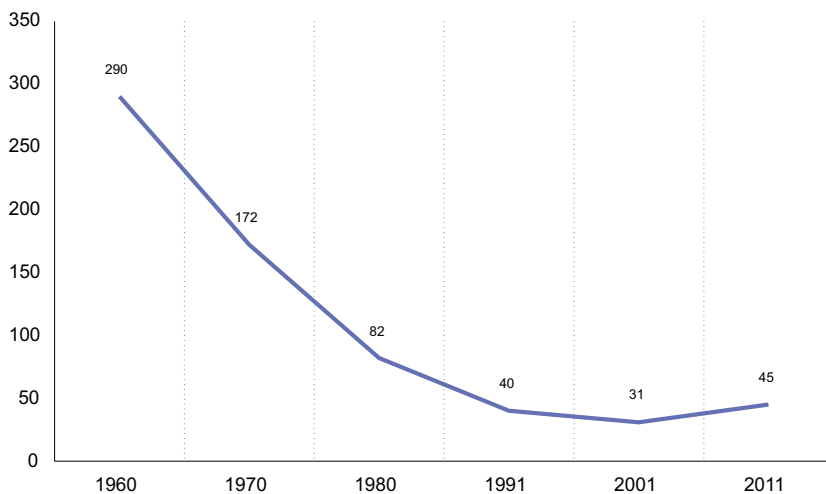
Fonte e autoria: Elaboração própria a partir de dados recolhidos no site do INE (censos).

anteriores, assistindo até a um ligeiro aumento de população entre 2001 e 2011 (figura 4.3).

Já na aldeia de França, sede de freguesia, maior que os outros lugares, mais próxima de Bragança e mais afastada da fronteira, observam-se quedas populacionais mais pronunciadas entre a década de 1960 e 1970 e novamente entre 1980 e 1990 e menos pronunciadas, mas constantes, entre 1970 e 1980 e entre 1990 e 2011 (figura 4.4).

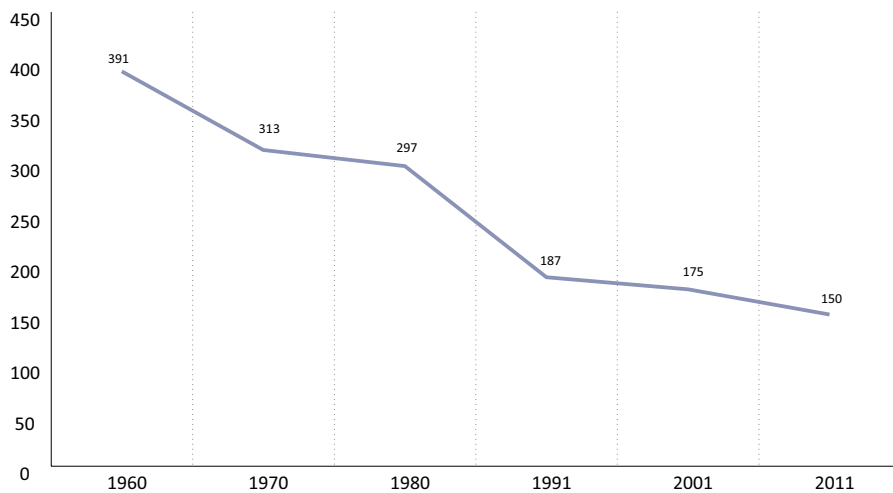
Podemos concluir que a aldeia de Portelo (figura 4.5) e o lugar Minas de Portelo (figura 4.6) viram a sua variação populacional mais afetada pela abertura e encerramento da mina; já a aldeia de França (figura 4.4) acompanhou a dinâmica de quebra populacional sentida no concelho de Bragança na década de 1960 e a dinâmica local na década de 1980. Conclui-se assim que a aldeia de Montesinho sofreu menos com a abertura e encerramento do complexo mineiro e outros factores terão contribuído para a sua variação populacional (figura 4.3).

Segundo testemunhos recolhidos por Mila Simões de Abreu e Ludwig Jaffe “as minas empregavam cerca de 300 mineiros, que trabalhavam 8h por dia, em dois turnos” (Abreu e Jaffe, 1998: 40). O volume diverso dos movimentos migratórios em direção a estas quatro localidades de pessoas vindas de diversas localidades para trabalhar (minas, floresta, exploração da pedra, da batata, do carvão), terá influenciado estas diferentes variações populacionais, bem como as diferentes correntes migratórias que foram sendo construídas e sedimentadas entre cada um destes lugares e outros lugares dentro e fora do país que determinaram diferentes padrões migratórios com destinos, intensidade e temporalidades



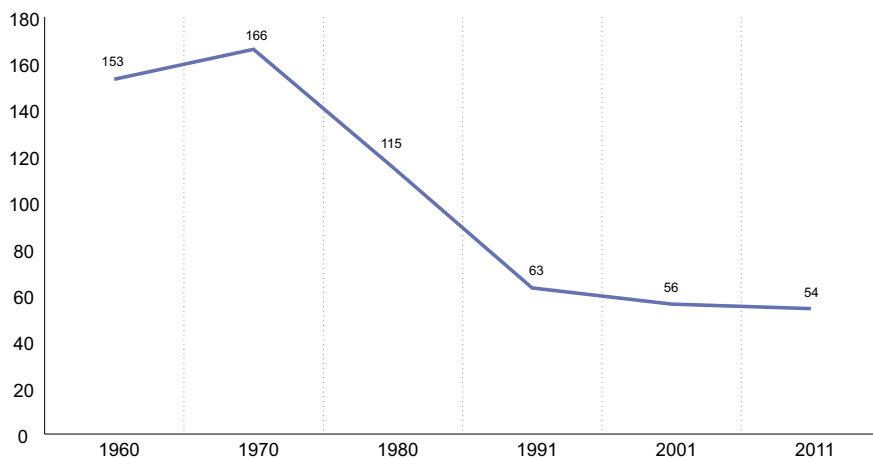
**Figura 4.3** Variação da População da aldeia de Montesinho entre 1960 e 2011

Fonte e autoria: Elaboração própria a partir de dados recolhidos no site do INE (censos).



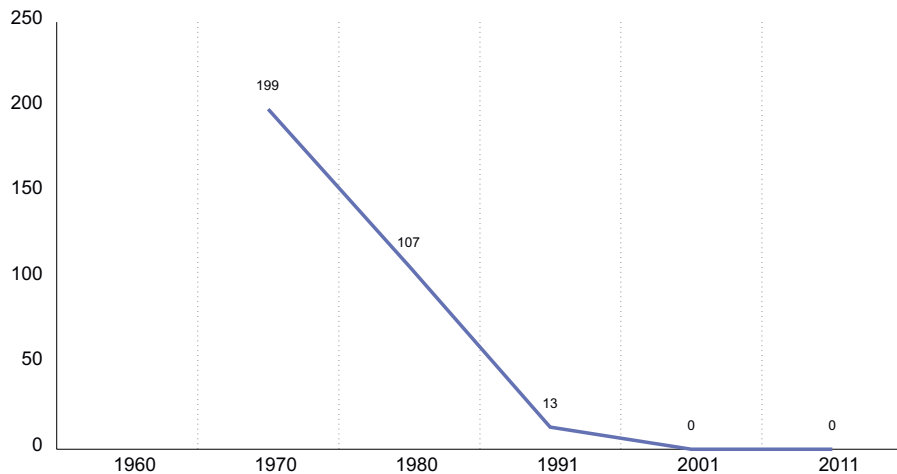
**Figura 4.4** Variação da População da aldeia de França entre 1960 e 2011

Fonte e autoria: Elaboração própria a partir de dados recolhidos no site do INE (censos).



**Figura 4.5** Variação da População da aldeia de Portelo entre 1960 e 2011

Fonte e autoria: Elaboração própria a partir de dados recolhidos no site do INE (censos).



**Figura 4.6** Variação da População do lugar Minas de Portelo entre 1960 e 2011

Fonte e autoria: Elaboração própria a partir de dados recolhidos no site do INE (censos).

diversas. A partir do caso da aldeia da Montesinho e suas características específicas, procurarei lançar algumas hipóteses explicativas para a sua variação populacional.

A agricultura e pastorícia aliadas ao trabalho nas várias atividades extrativas na serra de Montesinho permitiam à população local o acesso a outras formas de organização do trabalho, para poderem ter maior acesso aos bens que não produziam. A estrutura social em Montesinho era complexa. Coexistiam pequenos proprietários, jornaleiros, segadores, tendeiros, alfaiares, ferreiros e os malteses, que podiam residir mais ou menos tempo na aldeia ou na serra, em casas improvisadas entre as pedras de granito. O tipo de acesso à propriedade e o envolvimento com atividades comerciais, com menor ou maior volume de negócio, acabava por ditar a hierarquia social local e as desigualdades presentes na microsociedade desta aldeia.

A florestação dos baldios afetou a vida dos habitantes locais, criando condições que, mesmo indiretamente, conduziram à emigração, sobretudo em aldeias com fortes contingentes de gado caprino, mais prejudicadas do aquelas que estavam dependentes de outro tipo de atividades.

Com a emigração e o alargamento dos raios de interação social, o sistema de trocas entre pequenos proprietários e grandes proprietários e entre os proprietários e os jornaleiros e segadores, foi alterado e posto em causa. Houve um certo nivelamento económico e social com as migrações entre os diferentes grupos identificados, entre as famílias de pequenos proprietários, de malteses e pequenos proprietários e de jornaleiros. Os grandes proprietários que cedo partiram para Bragança, Porto ou Lisboa, onde trabalhavam em profissões ligadas ao Estado, ou profissões liberais, foram vendendo o património e perdendo a ligação com a aldeia, como o exemplo da família do antigo presidente da Câmara de Bragança, José Luís Pinheiro.

Grande parte das mulheres da aldeia que emigraram para França tinha tido curtas experiências migratórias em Madrid, Espanha. Essas experiências tiveram um efeito disruptivo, permitindo olhar de outra forma para o que sempre tinham conhecido, antes de emigrar, gerando vontade de mudar de vida e de não voltar de forma definitiva, emigrando mais tarde com destino a França.

O forte conhecimento das aldeias espanholas vizinhas decorria das fortes relações transfronteiriças, comerciais e familiares. O percurso a pé por atalhos até Bragança atravessava aldeias vizinhas. As festas das aldeias vizinhas eram frequentadas pelos membros da aldeia de Montesinho e vice-versa. Havendo perto da aldeia de Montesinho trabalho regular e sazonal que atraía mão de obra das aldeias vizinhas — nas minas, na floresta, na extração e produção de carvão e de pedra, segadas e na sementeira e apanha da batata — e tendo esta aldeia capacidade para acolher parte desta população flutuante, acabou por se estabelecer uma rede social densa entre a aldeia de Montesinho e as aldeias vizinhas dos dois lados da fronteira. Para a grande maioria dos

habitantes, os locais mais afastados onde já haviam ido eram a cidade Bragança, a espanhola Puebla de Sanábria, e as aldeias vizinhas, de um lado e do outro da fronteira.

A apropriação dos baldios da aldeia pelo Estado, o excessivo controle do cumprimento das regras pela guarda-florestal, a dificuldade em conseguir boas condições de habitação, o défice de acesso a cuidados básicos de saúde, a falta de perspectivas de mobilidade social ascendente, levou a que a maior parte migrasse internamente ou para fora do país. O poder exercido pelas famílias, que tentavam influenciar e incentivar casamentos com membros de umas famílias em detrimento de outras, poderá ter contribuído para a decisão dos homens e mulheres quererem emigrar.

Quando começaram a emigrar, o raio de interação social e o “espaço de experiência” alargaram-se e foram chegando informações de pessoas que melhoravam as condições de vida, alargando o “horizonte de expectativa” e suscitando o desejo de emigrar (Koselleck, 2006). Esta circulação de informação constitui um dos mecanismos de “feedback” (De Haas, 2010).

Alguns dos factores repulsivos indicados pelos participantes neste estudo foram: o encerramento das minas de Portelo, o desejo de uma maior autonomia em relação à casa dos pais, a ação dos serviços florestais, maior conhecimento das formas de atravessar a fronteira devido à localização da aldeia na raia seca. O cumprimento de serviço militar e participação na guerra colonial ajudaram os homens a romper com o relativo isolamento em que viviam, pois, a maior parte nunca tinha saído do distrito de Bragança e o contacto com jovens de outras zonas do país contribuiu para o alargamento do “horizonte de expectativas”. Algumas mulheres referiram que emigraram para ir ter com os maridos, quando estes já estavam regularizados e tinham melhorado as condições de habitação.

Para os emigrantes portugueses era mais difícil emigrar irregularmente para a Alemanha. O governo alemão exercia maior controlo na entrada e era mais inflexível em relação à emigração irregular, sendo muito rigoroso relativamente ao recrutamento e ao contrato de trabalho, fiscalizando as condições de trabalho e as condições de habitabilidade e se estas permitiam ou não receber mais familiares. Já para França, durante a janela temporal de maior fluxo de emigração regular, há indícios de uma significativa emigração irregular. Este é um fenómeno difícil de contabilizar, mas se a dimensão for na mesma proporção dos números existentes para o nível nacional (900 000 de forma regular e 550 000 de forma irregular entre 1957 e 1974) (Pereira, 2010), rondará mais de metade. O maior pico de partidas para França registou-se entre 1969 e 1971, período em que o número de emigrantes se aproximou de 350 000.

A maioria dos entrevistados que emigraram para França fizeram-no de forma irregular, embora parte deles tivessem conseguido regularizar a situação mais tarde. Já quatro dos que emigraram “a salto” em 1967 viram os seus pedidos de passaporte indeferidos em 1968.

Segundo Maria Ioannis Baganha, para a República Federal da Alemanha terão emigrado 193 000 portugueses entre 1950 e 1988, a maioria de forma regular, ainda que 58 000 o tivessem feito irregularmente. Durante a mesma janela temporal, para França emigraram regularmente 347 000, irregularmente 677 000, num total de 1 024 000. Entre 1970 e 1973 ocorreu o maior número de saídas em direção à Alemanha. Em 1970 registaram-se 22 915 e em 1973 houve um pico de 38 444 saídas, seguindo-se uma queda abrupta nos anos seguintes (Baganha, 2000: 218-229). Várias aldeias do centro e norte do país ficaram profundamente marcadas por este fenómeno.

Dos 33 casos extraídos dos dados recolhidos nas entrevistas, o pico das migrações regulares foi registado em 1973, correspondendo a novos movimentos migratórios, dois em direção à Alemanha e um à Suíça. O primeiro tratou-se de uma remigração para o mesmo país, o segundo de uma curta experiência migratória na Alemanha, e o terceiro na Suíça. Destes três casos, apenas um se dirigiu para o mesmo destino — Hamburgo — que uma das correntes migratórias formadas a partir da aldeia, e os outros não deram origem a novas correntes migratórias. Em 1974, inicia-se uma corrente migratória para Lisboa, para trabalhar numa força de segurança, a PSP, com duas saídas a que se seguiram outras, para esta força e para a GNR. Em 1970 houve uma saída para ingressar na Guarda Fiscal, que poderá estar relacionada com saídas anteriores para a mesma força policial. Em 2001, houve uma migração em direção à Suíça de um migrante que já tinha emigrado 20 anos antes para Espanha. Em 2007 houve uma migração, que já não se encaixa no fluxo entre as décadas de 1960 e 1980, mas, que contou com o apoio, nas primeiras fases do processo migratório, de um irmão já emigrado em França. Compreendemos que o fluxo migratório desta geração alterou radicalmente o padrão demográfico da aldeia de Montesinho, contribuindo para o declínio gradual e consistente de população ao longo de várias décadas.

O raio social de interação, apesar de nas primeiras fases do processo migratório não se alargar muito para além do círculo de sociabilidade ligado ao lugar de partida, ao longo do tempo estendeu-se e passou a incluir outros portugueses de outras regiões e, com menos intensidade, migrantes de outras nacionalidades e franceses.

A adaptação, o trabalho, a habitação, a saúde, o quotidiano, as ruturas do quotidiano, o envolvimento no associativismo, o reagrupamento familiar, a educação dos filhos, o alargamento da rede social de interação no contexto migratório, o retorno e as práticas translocais são questões que marcaram e marcam as trajetórias migratórias até aos dias de hoje, assumindo características específicas consoante o país e o lugar para onde emigraram.

O conhecimento prático da língua castelhana, devido às intensas relações e práticas transfronteiriças, permitiu em contexto migratório alargar mais rapidamente o raio de interação e a rede migratória, para além da rede formada pelos familiares e conterrâneos e dos colegas de trabalho e vizinhos

portugueses. O recurso a um “tutor” espanhol e o trabalho para patrões espanhóis, no caso da emigração para França, e a frequência de uma associação espanhola antes da criação de uma associação portuguesa, no caso da emigração para a Alemanha, demonstra como a condição transfronteiriça e o bilinguismo em contexto migratório pode constituir uma vantagem, porque alarga o leque de escolhas, o acesso a recursos e a um sistema de receção e integração já montado por uma comunidade de um país que tinha emigrado de forma mais intensa para a França e a Alemanha mais cedo.

As migrações internas desde Montesinho revelam como, em inúmeros aspectos, esta experiência suscitou, para quem se movia do lugar, problemas e questões semelhantes aos sentidos por quem saiu do país, inclusive um certo sentimento de estranhamento, muito presente no contacto com as grandes cidades portuguesas. A relação das migrações internas desde Montesinho com o ingresso em forças policiais foi notória, nomeadamente para a Guarda Fiscal. A seguir ao 25 de Abril de 1974, a GNR e a PSP começaram também a recrutar na aldeia. Para entrar para as forças policiais, os candidatos tinham de ter o ensino primário completo, fazer algumas provas e cumprido o serviço militar.

As migrações internas, sobretudo as realizadas para integrar forças policiais, tomaram a forma de correntes migratórias e constituíram mais um ponto de fuga da aldeia de Montesinho e da região transmontana. Da informação recolhida nas entrevistas e durante o trabalho de campo, a maior parte procurou ser colocada o mais perto possível da aldeia de onde partiu. Por isso, estes migrantes internos não se terão envolvido tanto na sociedade de acolhimento, não participaram em associações, nem se terão preocupado em resolver a questão da habitação de forma mais permanente. Porém, dois dos entrevistados permaneceram mais tempo longe da aldeia, envolveram-se em associações e cooperativas de habitação para tentar resolver esse problema, investindo tempo e dinheiro a participar nesses coletivos e a construir e a regularizar a casa e respetivos acessos e infraestruturas básicas.

### **Montesinho: lugar de retorno, circulação ou fixação?**

As redes e as práticas translocais caracterizaram as trajetórias migratórias dos migrantes internos e internacionais focadas neste estudo, que mantiveram uma forte ligação ao lugar de partida durante o seu percurso biográfico. O contacto à distância, o retorno circular pontual, mormente em agosto, a compra ou recuperação de uma casa e a participação e apoio à organização da Festa de Santo António foram as formas encontradas de manutenção dos laços que os ligavam ao lugar.

A saúde, a família e a localização do património familiar herdado, construído, reconstruído, ou adquirido durante a trajetória migratória foram

factores que permitiram ter um leque mais ou menos alargado de escolha em relação às práticas migratórias (Baía, 2022).

A necessidade de cuidados de saúde específicos, a idade ou a viuvez, podem alterar as condições de circulação entre lugares e a decisão sobre o lugar onde residir definitivamente. A decisão sobre onde viver pode caber aos filhos que por vezes trazem os pais para as suas casas, ou colocá-los numa instituição, tanto cá como lá. Se o “cá” é o lugar ou lugares para onde retornaram, o “lá” pode ser tanto Bragança, como Lisboa, Montluçon, Hamburgo, Paris. Nesta situação pode haver uma remigração, e o retorno que se imaginou definitivo pode afinal deixar de o ser. Hein de Haas e Tineke Fokkema, num artigo sobre um projeto que estudou os motivos para retornar ou para retornar de forma circular, que incidiu sobre o Vale do Todgha, em Marrocos, uma região de emigração, colocou a mesma questão: “The exploratory findings presented in this study also lead to new research questions. (...) And will pendulum migration be a sustainable alternative to either permanent settlement or return, or is it a temporary phenomenon that will persist only as long as income and health allow migrants to carry it out?” (Haas e Fokkema, 2010: 558).

No caso dos migrantes entrevistados, a circulação entre lugares, entre cá e lá, quando há essa possibilidade (capacidade económica para viajar e ter casa cá e lá) acaba por ser a situação preferida. Porém, num determinado momento, a saúde, a idade e o isolamento obrigam a fazer uma escolha definitiva entre lugares diferentes da planeada anteriormente.

As gerações seguintes às que efetuaram migrações internas e internacionais nas décadas de 1960 e 1970 acompanharam esse movimento para fora, mas, quando se reformarem, podem querer voltar para viver na aldeia e, quem sabe, aproveitar o investimento já realizado na produção de castanha, na reabilitação das casas e no sector do turismo rural feito pelos seus pais e avós. Quando se perguntou nas entrevistas realizadas o que se poderia fazer para que os que migraram para fora da aldeia quisessem voltar, a resposta foi unânime — criar emprego.

Ao nível das políticas públicas seria importante ouvir mais o que as pessoas que ainda residem nestas aldeias têm a dizer sobre o desenvolvimento destas regiões, a atração de investimento, o tipo de investimento necessário para reter os que a certa altura da sua trajetória migratória decidem retornar, os serviços que seria necessário implementar para que as pessoas que residem nestas aldeias não sintam a necessidade de voltar a migrar, o que está a resultar e a falhar nas estratégias implementadas. No fundo, dever-se-ia incluí-las mais nos processos de decisão e definição das políticas públicas de gestão de uma vasta extensão do território nacional e de apoio ao retorno e fixação de migrantes. A recomendação de uma maior participação dos beneficiários destas políticas na sua definição e formas de implementação também é feita pela Organização Internacional para as Migrações em relação a fluxos migratórios mais recentes (2019).

### **Sociabilidades migrantes, alargamento do raio de interação social e identificações múltiplas**

O raio de interação no contexto migratório incluía preferencialmente e sobretudo as redes de sociabilidade fundadas na família e na aldeia de partida, nos contextos migratórios franceses e no alemão. Porém, com o tempo, este raio foi-se alargando a alguns portugueses de diferentes regiões do país, a migrantes de outras nacionalidades e a franceses que eram vizinhos, ou colegas de trabalho. Na fábrica e na “*cité Dunlop*” havia trabalhadores franceses, portugueses e de outras nacionalidades, o que ajudava a criar redes de sociabilidade mais diversas, alargando o raio de interação:

Sem ser com as pessoas da minha aldeia, a minha convivência era mais com os franceses. Tinha boas relações com os colegas franceses. Tinha amigos espanhóis, bastantes. Falo espanhol quase tão bem como português. Italianos também. Tinha amigos argelinos e marroquinos. Alguns eram colegas de trabalho. Trabalhavam comigo na minha máquina. Eu era o chefe de máquina. Brincadeiras lá no trabalho. Quando a gente se encontrava. Tive dois amigos. Um marroquino e outro argelino e esses eu passava por casa deles e eles pela minha. Não, hoje não. As pessoas foram-se desligando. Infelizmente. Gostava de os encontrar. Tinha muita convivência com os espanhóis. E boa. (José Garcia, 76 anos)

Os casais em que os homens trabalhavam nos sectores da construção civil e as mulheres no serviço doméstico acabavam por alargar o raio de interação a portugueses de outras regiões, nomeadamente em convívios de migrantes portugueses, e aos migrantes de outras nacionalidades com quem interagem por residirem na vizinhança:

Desta aldeia tenho amigos. Tenho lá amigos e há grupos de folclore, ranchos. Há lá dois grupos. Depois eles organizam festas. Tenho amigos algarvios, alentejanos. Convivo com eles, como sendo daqui. Tenho muitos amigos espanhóis e italianos. Já não é igual. Há lá muitos também onde eu estou. Marroquinos e argelinos, se são vizinhos sim, mas se não... No trabalho ia bem. No trabalho comigo trabalharam muitos. No fim trabalharam muitos marroquinos e argelinos, tunisinos. (Álvaro Rodrigues, 72 anos)

Os três testemunhos dos que migraram para Montluçon têm em comum a amizade com os migrantes espanhóis. Como vimos, na primeira fase, a rede migratória alargou-se aos migrantes espanhóis que terão ajudado na obtenção do primeiro emprego, na resolução do problema da habitação e nas questões burocráticas. O conhecimento prático da língua castelhana, advindo das relações transfronteiriças, poderá ter ajudado a esta proximidade.

Os que migraram para Paris e que viveram no centro da cidade em casas de porteira, onde as suas mulheres trabalhavam, referem que fizeram amizade com franceses, como afirmou Maria Goretti Cavalaria: “tive mais amigos franceses do que portugueses.” (Maria Goretti Cavalaria, 63 anos) Já Maria Julieta Garcia, que não tinha franceses no seu raio de interação social durante a primeira fase do processo migratório, referiu que, à medida que o tempo ia passando, começou a incluí-los no seu círculo de sociabilidade: “Sim, mais tarde. Agora tenho amigos franceses. Na altura dava-me mais com os portugueses.” (Maria Julieta Garcia, 69 anos)

Pelas narrativas de vida recolhidas, os que migraram para Paris tiveram menos contacto com migrantes de outras nacionalidades. O aumento das suas sociabilidades parecia depender mais do contacto com migrantes portugueses de outras regiões, nomeadamente do Minho:

Tenho muitas relações para o Minho que eu gosto muito daquela gente também. E quando temos ocasião ou encontramos aqui ou lá em França, é sempre uma alegria. (Helena Garcia, 67 anos)

Helena Garcia complexificou a importância dada às redes de sociabilidade baseadas nos laços familiares. Se, por um lado, considerou que esses são os laços mais importantes, por outro, acrescentou que, em certas situações, há redes de sociabilidade fora da esfera familiar que se tornam mais relevantes, nomeadamente quando há conflitos derivados de disputa de propriedade, limites de terrenos e heranças:

A família está sempre à frente, a mais chegada. Depois tenho relações com amigos. Com certos amigos, que não terei com uma cunhada, ou com um cunhado. Porque há realmente pessoas que a gente pode confiar, quando a gente tem um problema. Temos de saber a quem. E às vezes tenho mais confiança com uma amiga, que é realmente amiga e que confio nela, do que uma pessoa de família. Mas estas coisas das aldeias, dos familiares fica sempre um bocadinho fora. Há muitos familiares que não se falam, como por exemplo aqui, que não se falam, simplesmente por causa das terras. (Helena Garcia, 67 anos)

Este testemunho de Helena Garcia denuncia como o raio de interação é dinâmico e pode ir incluindo e excluindo membros das várias redes de sociabilidade a que se vai pertencendo ao longo do processo migratório. Assim, o grau de importância dado a essas redes transforma-se ao longo do tempo, podendo até haver ruturas definitivas geradas por alguma situação de conflito, ou sucessão de situações de conflito.

Idalina dos Anjos Fernandes que emigrou para Hamburgo, alargou o raio de interação a migrantes de várias nacionalidades e a migrantes portuguesas da região centro e litoral. Neste raio de interação alargado no contexto

migratório, referiu-se fundamentalmente quase só mulheres, colegas de trabalho na fábrica de travões Jurid Werke (fazendo lembrar os laços estabelecidos entre os trabalhadores da Fábrica Dunlop e moradores na “*cité Dunlop*”). Mantém ainda contacto telefónico com parte destas amigas e recebe-as ocasionalmente na aldeia de Montesinho para onde retornou:

Olhe da Turquia, de todo o lado. Tinha turcas amiguíssimas. Ui polacos, jugoslavos. Espanhóis muitos também. Tínhamos um amigo alemão que tinha casa com uma espanhola. Gostava muito de vir aqui (...). Olhe de Leiria, ainda lá há umas pessoas bem amigas que me telefonam às vezes. Aveiro. Também. Águeda. E de mais sítios. Trabalhávamos na mesma firma. Aquilo era muito grande (...). Agora em agosto desconfio que vêm cá uns. Não costumam dizer nada, aparecem e pronto. (Idalina dos Anjos Fernandes, 77 anos)

No caso de Idalina, o que a uniu a uma migrante de nacionalidade turca foi terem sido cuidadoras dos maridos com doenças graves: “Olhe com uma turca. Uma turca telefona-me e chora muito. Chora por mim. As duas falamos em alemão. Muito minha amiga, a mulher. Olhe, o marido também morreu com cancro na cabeça. Ainda me telefona.” (Idalina dos Anjos Fernandes, 77 anos)

As redes de sociabilidade criadas em contextos de trabalho onde havia trabalhadores de outras nacionalidades nos mesmos lugares da cadeia de produção, como nos casos nas fábricas da Dunlop e na Jurid Werke, permitiu alargar o raio de interação social a migrantes de outras nacionalidades. O facto de os trabalhadores morarem nos mesmos sítios ainda propiciava mais esse contacto quotidiano. Em Paris e Montluçon, os homens que trabalhavam na construção civil, trabalhavam e conviviam normalmente mais com portugueses. As porteiras de Paris viviam no centro, onde habitava e habita a burguesia francesa, convivendo durante o período de trabalho com as patroas, que eram também suas vizinhas, e com as patroas e patrões das casas e estabelecimentos onde faziam limpezas. O tempo gasto nas experiências de pluri-emprego, que gerava longas jornadas de trabalho, e o facto de trabalharem muitas vezes nos dias de descanso, dava pouco tempo para conviver e alargar o raio de interação social.

Um dos migrantes internos entrevistados, Adérito de Jesus Alves que engrossou a corrente migratória em direção à região de Lisboa, Estoril, defende que as principais redes de sociabilidade são as redes baseadas na vizinhança e a seguir as desenvolvidas no contexto laboral, contudo no caso da família do seu cunhado a vizinhança cruza-se com as redes de sociabilidade familiares e de conterraneidade. Este caso ilustra bem o que foi descrito sobre as sociabilidades ao longo das trajetórias migratórias internas descritas pelos outros migrantes internos entrevistados.

### **Conclusão: Identificações múltiplas e em transformação**

A recente vaga de emigração não desbloqueou as memórias guardadas dos momentos mais difíceis do processo migratório. As primeiras fases do processo migratório ainda são evitadas ou pouco desenvolvidas, talvez pela dureza das condições de habitação e de trabalho e por não quererem autoperseguir-se assim no presente.

Durante o trabalho de campo para esta pesquisa, questionou-se pouco a questão da identidade, procurando-se, assim, evitar as essencializações que sobejam nos estudos das migrações. A partir do estudo das sociabilidades geradas durante o processo migratório concluímos que há identificações múltiplas que se intersectam e que variam de importância ao longo do tempo. Quando alguém se autoidentifica como originário da aldeia de Montesinho, uma aldeia de montanha com um sistema agro-pastoril, uma aldeia periférica, fronteira, pode estar também a autoidentificar-se como mineiro, canteiro, pastor, camponês, ou jornaleiro; como emigrante na sociedade de partida, imigrante na de chegada, enquanto trabalhador, operário da construção civil, ou fabril, operária ou trabalhadora doméstica; como uma mulher, em Portugal ou em França, na aldeia ou na cidade; como um português, mas também como alguém que se identifica com os espanhóis, os franceses, ou os alemães, ou mesmo como europeu, alguém que compreende e fala português, mas também castelhano, e que conseguiu aprender a língua do país para onde migrou.

Nira Yuval-Davis considera que é fundamental realizar uma “análise situada da interseccionalidade”, que tenha em consideração: “as localizações geográficas, sociais e temporais dos actores sociais individuais ou coletivos examinados por ela, contestados, mutáveis e múltiplos, como normalmente são. Por conseguinte, na abordagem da interseccionalidade aqui apresentada, destacamos também a importância central na análise de questões de translocalidade — ou seja, as formas como determinadas categorias de divisões sociais têm significados diferentes — e, muitas vezes, um poder relativo diferente — nos diferentes espaços em que as relações sociais analisadas têm lugar; da transcalaridade — ou seja, as formas como diferentes divisões sociais têm frequentemente significados e poder diferentes quando as examinamos a nível regional e global; e a transtemporalidade — ou seja, a forma como estes significados e poder mudam historicamente e mesmo em diferentes momentos do ciclo de vida das pessoas” (Yuval-Davis, 2015: 95).

Mudanças políticas, como a adesão de Portugal à União Europeia, facultaram diferentes formas de identificação. Segundo Brettell, “Movement across national borders within Europe is free, and the Portuguese can identify themselves as Portuguese, as French, and/or European” (Brettell, 2003: 54), o que corrobora o que refere Iréne dos Santos sobre os migrantes portugueses:

(...) la propension à jouer sur les deux tableaux, ou, plus exactement, à combiner stratégiquement deux appartenances. Des pratiques d'inscriptions sociales et territoriales observées auprès d'individus qui circulent entre la France et le Portugal montrent la complexité de vivre une pluralité d'appartenances culturelles et nationales (Santos, 2003: 31).

Como notou Feldman-Bianco, outros factores, como a classe social, a região de origem, a geração e o género, condicionam as “reconstruções de identidade, que são mediadas pelas diferentes camadas do tempo” (Feldman-Bianco, 1993: 209).

O antropólogo argentino Alejandro Grimson ao preferir o termo identificações ao termo identidade dá a possibilidade de compreender os processos de identificação, que vão mudando ao longo do tempo e o facto de um só indivíduo poder ter múltiplas identificações que podem variar de importância ao longo da sua trajetória biográfica (Grimson, 2011).

A língua de comunicação foi fundamental no contexto migratório, principalmente nas primeiras fases do processo. A condição fronteiriça, conseguir perceber e fazer-se entender nos dois lados da fronteira entre Portugal e Espanha, terá ajudado muitos emigrantes a aceder a outras redes de sociabilidade, como aquelas onde dominava o castelhano, que já estavam estabelecidas e desenvolvidas há mais tempo em França e na Alemanha. Quanto à identificação nacional, ela compete, muitas vezes desfavoravelmente, com a identificação com o local, com o mundo simbólico e afetivo da aldeia de Montesinho, com a região transmontana, mas também com o bairro para onde se foi viver, ou com a profissão desempenhada. A força destas identificações depende do momento vivido e dos contextos afetivos e institucionais. A nacionalidade é, em grande medida, reforçada e por vezes mesmo constituída pelos aparelhos institucionais estatais das sociedades de destino e pelas suas políticas de imigração. Por sua vez, alguns entrevistados não hesitaram em referir que preferiam não trabalhar para encarregados ou patrões portugueses, porque os tratavam e pagavam pior do que os da nacionalidade do país de destino. O núcleo mais forte de socialização dos entrevistados era constituído pelos que partiram de Montesinho; no decorrer da trajetória migratória o raio de interação foi-se alargando a portugueses de outras regiões e a pessoas de outras nacionalidades.

Os protagonistas do ciclo migratório estudado ainda continuam em movimento e a circular entre lugares, ou a fixar-se num ou noutra lugar específico definitivamente. A noção translocalismo permitiu analisar melhor as redes de sociabilidade translocais que atravessaram fronteiras nacionais, mais ou menos porosas, como as redes migratórias, as redes fronteiriças e as redes que ligam a aldeia de Montesinho, às aldeias vizinhas, a Bragança, ao Porto, a Lisboa, entre outros lugares. E permitiu concluir que as redes estabelecidas pelas migrações internas e internacionais ligam mais pessoas e

lugares e que a nacionalidade frequentemente é sobrevalorizada, por isso, nesta investigação optou-se mais pelo uso do termo migrantes para designar os que se movem entre lugares.

### Referências bibliográficas

- Abreu, Mila Simões de; Jaffe, Ludwig (1998), “Abecedário de Montesinho”, *Montesinho*, n.º 2, pp. 37-41.
- Baía, João (2020), “A.M./A.M. para memória futura: dois homens que lutaram contra a ditadura dos dois lados da fronteira e meios de produção de memória”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 60, pp. 433-446.
- Baía, João (2022), “Retornar, não retornar ou circulação entre lugares? Diferentes práticas migratórias e seus impactos no presente e no futuro de um lugar de partida (aldeia de Montesinho)”, *CIDADES, Comunidades e Territórios*, 44 (Jun/2022), pp. 19-37.
- Baganha, Maria Ioannis B. (2000), “A Emigração Portuguesa no Pós II Guerra Mundial”, in António Costa Pinto (coord.), *Portugal Contemporâneo*, Madrid, Sequitur, pp. 213-232.
- Basch, Linda; Glick Schiller, Nina; Blanc-Szanton, Cristina (1992), *Towards a transnational perspective on migration: Race, class, ethnicity and nationalism reconsidered*, New York, New York Academy of Sciences.
- Bastos, Cristiana (1993), *Os Montes do Nordeste do Nordeste Algarvio*, Lisboa, Edições Cosmos.
- Brettell, Caroline (2003), *Anthropology and Migration Essays on Transnationalism, Ethnicity, and Identity, Walnut Creek*, AltaMira Press.
- Brickell, Katherine; Datta, Ayona (eds.) (2011), *Translocal Geographies: Spaces, Places and Connections*, Farnham, Ashgate.
- Castles, Stephen (2005), *Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios*, Lisboa, Fim de Século.
- Cerveira, Alberto (1965), “A oficina de preparação de minérios das Minas de Montesinho”, *Boletim da Ordem dos Engenheiros*, Vol.10, no1, pp. 107-13.
- Costa, António Firmino da (2008) [1999], *Sociedade de Bairro, Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta Editora.
- De Haas, Hein (2010) “The Internal Dynamics of Migration Processes: A Theoretical Inquiry”, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 36 (10), 1587-1617.
- De Haas, Hein de; Fokkema, Toneke (2010), “Intra-Household Conflicts in Migration Decisionmaking: Return and Pendulum Migration in Morocco”, *Population and Development Review*, 36(3), pp. 541-561.
- Feldman-Bianco, Bela (1993), “Múltiplas Camada de Tempo e de Espaço (Re)construções da Classe, Etnicidade e Nacionalismo entre Emigrantes Portugueses”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 38, pp. 1993-223.

- Fitzgerald, David Scott (2010), "Mixed Methods and Crossing Boundaries in the Study of International Migration", In Thomas Faist (Ed.), *Working Papers – Centre on Migration, Citizenship and Development*, 73, Bielefeld, COMCAD.
- Glaser, Barney; Strauss, Anselm (1967), "Theoretical Sampling", In Barney Glaser e Anselm Strauss (Eds.), *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*, Chicago, Aldine Publishing, pp. 45-77.
- Godinho, Paula (2004), "Movimentos Sociais Rurais: Questões de Teorias e Métodos", In Inês Fonseca; Dulce Freire; Paula Godinho (Coord.), *Mundo Rural Transformação e Resistência na Península Ibérica (Século XX)*, Lisboa, Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa/Colibri, pp. 89-106.
- Godinho, Paula (2006), *O Leito e as Margens – Estratégias familiares de renovação e situações liminares em seis aldeias do Alto Trás-os-Montes raiano (1880-1988)*, Lisboa, Colibri.
- Grimson, Alejandro (2011), *Los límites de la cultura. Crítica de las teorías de la identidad*, Buenos Aires, Siglo XXI.
- Guarnizo, Luis Eduardo; Smith, Michael Peter (1998), "The Locations of Transnationalism", in Luís Eduardo Guarnizo e Michael Peter Smith, *Transnationalism from below*, New Jersey, Transaction Books, pp. 3-34.
- Hergesell, Jannis; BAUR, Nina; Braunisch, Lilli (2020), "Process-Oriented Sampling", *Canadian Review of Sociology/Revue Canadienne de Sociologie*, 57 (2), pp. 1-21.
- King, Russel; Skeldon, Ronald; Vullnetari, Julie (2008), *Internal and International Migration, Bridging the Theoretical Divide*, Working Paper, Sussex, Sussex Centre for Migration Research, University of Sussex.
- Koselleck, Reinhart (2006), " 'Espaço de experiência' e 'horizonte de expectativa': duas categorias históricas", In Reinhart Koselleck, *Futuro Passado Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos*, Rio de Janeiro, Contraponto Editora, pp. 305-327.
- Leal, João (1994), *As festas do Espírito Santo nos Açores: Um estudo de antropologia social*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Leal, João (2017), *O culto do divino: migrações e transformações*, Lisboa, Edições 70.
- Lopes, Glória (2020), "As minas que fizeram do rio uma estrada de areia", *Jornal de Notícias*, 30 de Agosto de 2020, <https://www.jn.pt/local/noticias/braganca/braganca/as-minas-que-fizeram-do-rio-uma-estrada-de-areia-12564871.html>, Consultado a 16 de Dezembro de 2021.
- Machado, Fernando Luís (2002), *Contrastes e Continuidades. Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*, Oeiras, Celta Editora
- Mapril, José (2012), *Islão e Transnacionalismo – Uma Etnografia entre Portugal e o Bangladeche*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Massey, Doreen (2012), "Un sentido global del lugar", In Abel Albet e Núria Benach (Eds.), *Doreen Massey: un sentido global del lugar*, Barcelona, Icaria Editorial, pp. 112-129.

- Melo, Daniel; Silva, Eduardo Caetano da (orgs.) (2009), *Construção da Nação e Associativismo na Emigração Portuguesa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Monteiro, Paulo Filipe (1985), *Terra que já foi terra: análise sociológica de nove lugares agro-pastoris da Serra da Lousã*, Lisboa, Salamandra.
- Narotzky, Susana (2001), *La antropología de los pueblos de España — Historia, cultura y lugar*, Barcelona, Icaria editorial.
- OIM (Organização Internacional para as Migrações) (2019), *Reintegration Assistance at the Community Level*. In *Reintegration Handbook*, Geneva, OIM, pp. 97-132.
- Pires, Rui Pena; Pereira, Cláudia; Azevedo, Joana; Vidigal, Inês; Veiga, Carlota Moura (2020), “A Emigração Portuguesa no Século XXI”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 94, pp. 9-38.
- Pereira, Victor (2010), “Ni héros ni escrocs: les passeurs portugais (1957-1974)”, *Plein Droit*, 84, pp. 12-16.
- Portugal, Sílvia (1999), “Family and social policy in Portugal, International”, *Journal of Law, Policy and the Family*, Volume 13, Issue 3, December, pp. 235-246.
- Silvano, Filomena (2006), “Ir à terra — mobilidade transnacional e construção de sedentariiedades imaginadas”, In Casimiro Balsa (Org.), *Relações sociais de espaço, homenagem a Jean Remy*, Lisboa, Colibri, pp. 199-218.
- Sobral, José Manuel (1999), *Trajectos: o presente e o passado na vida de uma freguesia da Beira*, Lisboa, Imprensa das Ciências Sociais.
- Strijdhorst dos Santos, Irène (2003), “Discours d’appartenance, pratiques d’inscriptions sociales et territoriales: des descendants de migrants portugais de France”, *Recherches en Anthropologie au Portugal*, 9 (1), pp. 23-35.
- Wall, Karin (1998), *Famílias no Campo. Passado e Presente em duas Freguesias do Baixo Minho*, Lisboa, D. Quixote.
- Yuval-Davis, Nira (2015), “Situated Intersectionality and Social Inequality”, *Raisons Politiques*, 2, n.º 58, pp. 91-100.

**Fontes Orais (nome, idade no ano em que se realizou a entrevista, data e local de realização da entrevista semiestruturada)**

- Ana Maria Martins Gaspar, 50 anos, 11 de Agosto de 2015, na aldeia de Montesinho.
- Álvaro Rodrigues, 72 anos, 12 de Agosto de 2015, na aldeia de Montesinho.
- José Garcia, 76 anos, 13 de Agosto de 2015, na aldeia de Montesinho.
- Fernando António Rodrigues, 76 anos, 14 de Agosto de 2015, na aldeia de Montesinho.
- João Miguel Garcia, 67 anos, 18 de Agosto de 2015, na aldeia de Montesinho.
- José António Gomes, 75 anos, 20 de Agosto de 2015, na aldeia de Montesinho.
- Maria Goretti Cavalaria, 63 anos, 21 de Agosto de 2015, na aldeia de Montesinho.
- Maria Julieta Garcia, 69 anos, 21 de Agosto de 2015, na aldeia de Montesinho.

- José Miguel Pires, 79 anos, 6 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Irene Fátima Rodrigues (e marido), 71 anos, 7 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Helena Garcia, 67 anos, 7 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Lucinda Ferreira Ribeiro, 67 anos, 8 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Idalina dos Anjos Fernandes, 77 anos, 9 e 10 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Adília dos Anjos Fernandes, 81 anos, 9 e 10 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Luís Fernandes, 61 anos, 10 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Maria Rita Sendim, 79 anos, 11 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Adérito de Jesus Alves, 68 anos, 12 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Albano dos Santos Feriz, 77 anos, 15 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Manuel Cardoso Teixeira, 71 anos, 15 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Josefa Lousada, 53 anos, 16 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Martín Gordo, 95 anos, 17 de Agosto de 2016, na aldeia de La Tejera.
- Aurélio Pouza Álvarez, 79 anos, 17 de Agosto de 2016, na aldeia de La Tejera.
- Aurora (e filha), idade desconhecida, 17 de Agosto de 2016, na aldeia de La Tejera.
- Manuel Diegues, 68 anos, 18 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Marcelina Piedade Fernandes, 83 anos, 18 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Manuel João Alves, 73 anos, 19 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Noémia da Conceição Rodrigues, 49 anos, 21 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Francisco Ribas, 53 anos, 22 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Sally Godward, 58 anos, 22 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Angelina de Lurdes Martins, 81 anos, 22 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Manuel Rodriguez Montecino, 75 anos, 24 de Agosto de 2016, na aldeia de Calabor.
- João Luís Afonso, 67 anos, 25 de Agosto de 2016, na aldeia de Montesinho.
- Belmiro Augusto Rodrigues, 75 anos, 26 de Agosto de 2016, na aldeia de Portelo.